

XI Reuni3n de Antropolog3a del Mercosur, 30 de noviembre – 4 de diciembre de 2015, Montevideo, Uruguay.

GT 56. CIDADE, MOBILIDADE E IMAGIN3RIO

Coordenadores:

Professor Dr. Euler David de Siqueira (doutor em sociologia pelo ICFS/UFRJ e p3s-doutor em sociologia pela Universit3 Paris Descartes Sorbonne). UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, IM – Instituto Multidisciplinar; euleroiler@gmail.com

Professor Dr. 3lvaro Banducci J3nior (doutor em antropologia social pela USP e p3s-doutor em antropologia social pela UNICAMP). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; banducci@uol.com.br

Professor Ms. Alejandro Otamendi (doutorando em antropologia UBA). Instituto de Ciencias Antropol3gicas, Facultad de Filosof3a y Letras, Universidad de Buenos Aires. (Instituci3n abreviada: ICA, FFYL, UBA); alejandrootamendi@gmail.com

Cozumel, a ilha que se reinventa: onde o turismo faz eclodir m3ltiplos imagin3rios e temporalidades¹.

Lea Carvalho Rodrigues².
Universidade Federal do Cear3 (UFC), Brasil

Resumo: Cidades tur3sticas t3m a qualidade de concentrar, simultaneamente, diferentes signos que caracterizam a contemporaneidade: fluxos, diversidade, produ33o de s3mbolos e simulacros, a conformar novas paisagens, imagens e sensibilidades. Elas t3m em comum, ainda, a necessidade constante de criar produtos para ofertar ao visitante, que atra3am seu interesse e suscitem os desejos de ali estar, ver e viver experi3ncias 3mpares, distantes de tudo o que forma parte do seu cotidiano. Como 3 particular a toda experi3ncia tur3stica, de alguma forma estas cidades tamb3m permitem ao turista entrar em contato com a dimens3o do sagrado,

1 Os dados aqui apresentados foram elaborados a partir de pesquisa de campo realizada no ano de 2011 durante cumprimento de Est3gio P3s Doutoral no M3xico, no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropolog3a Social (CIESAS/Unidad Peninsular, M3rida, Yucat3n) com recursos disponibilizados pela Coordena33o de Aperfei3oamento de Pessoal de N3vel Superior (Capes).

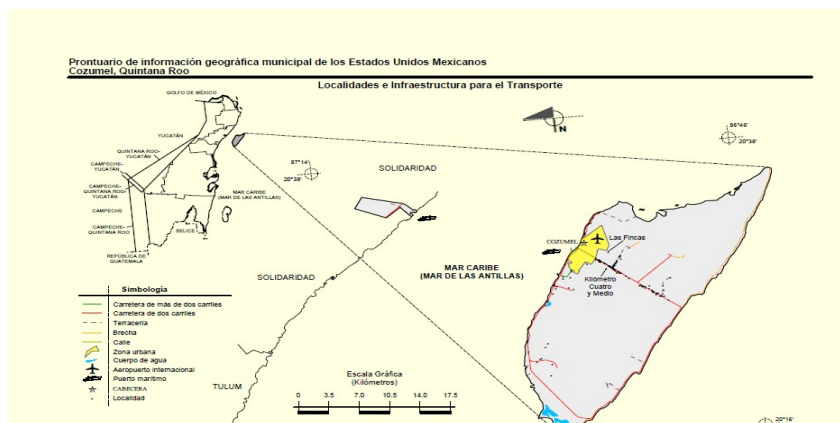
2 Professora associada da Universidade Federal do Cear3 (UFC), departamento de Ci3ncias Sociais, 3rea Antropologia. E-mail: leaufc@gmail.com

faça-se ele presente na contemplação da natureza, no assombro causado pelo espetáculo da arquitetura presente ou pretérita, ou mesmo na possibilidade de uma interiorização profunda. O que dizer então quando esta cidade se encontra em uma ilha detentora de um passado repleto de situações que estimulam esse imaginário de aventura, exotismo e ação, e seu presente propicia o contato com uma natureza exuberante? Assim é Cozumel, uma ilha do caribe mexicano a partir da qual, e dos dados etnográficos ali colhidos, pretende-se expor e refletir sobre como acontecimentos históricos, mitologias indígenas e da conquista, além dos abalos causados por eventos naturais, podem compor um imaginário multifacetado que perpassa a vida cotidiana da cidade e da ilha, sobretudo em seu núcleo urbano, e, ainda, em como esta situação específica traz acréscimos às reflexões tanto sobre as dinâmicas próprias às cidades turísticas, como para incrementar as discussões no âmbito da antropologia urbana e do turismo.

Palavras-chave: cidades turísticas, imaginários, temporalidades.

Cozumel é a terceira maior ilha do México, em superfície, e a primeira dentre as suas ilhas povoadas, medindo 48 quilômetros de Norte a Sul e 14,8 quilômetros de Leste a Oeste. Situa-se a Leste da Península de Yucatán, na Região Sudoeste do país. É, também, um dos dez municípios que formam o estado de Quintana-Roo, situado diante do Mar do Caribe, e, no continente, diante da faixa litorânea denominada Riviera Maya, que concentra aproximadamente 35% de todo o movimento turístico do país. Dista 18 quilômetros do continente, formando um canal de águas profundas e fortes correntes. Hoje é o mais importante porto de cruzeiros do país e o segundo do mundo. Seu relevo não ultrapassa doze metros nas partes mais elevadas, pois se trata de uma plataforma insular de rocha calcária que emergiu do mar. Flutua sobre um mar tranquilo, para quem a observa de longe, e suas águas mostram-se transparentes quando as embarcações dela se aproximam. A natureza é sua principal atração turística: suas águas límpidas, com visibilidade a mais de quarenta metros de profundidade, permitem a incursão de mergulhadores às profundezas para admirar os recifes de coral, pertencentes ao Sistema Arrecifal Mesoamericano, o mais extenso do hemisfério, com cerca de novecentos quilômetros de extensão, costeando México, Guatemala, Belize e Honduras (SEMANARP, 1998). Há, ainda, significativa herança arqueológica, pois a ilha foi habitada pelos maias até o ano 300 de nossa era (Sánchez; Propin, 2003), quando era um importante porto comercial e centro cerimonial de peregrinação maia.

Figura 01: Localização da Ilha de Cozumel no Mar do Caribe e posição em relação ao estado de Quintana-Roo



Fonte: INEGI (2010) - Censo de Población y vivienda.

O turismo é a atividade principal da ilha: apenas 3,55% de sua superfície é cultivada (17 ha), há uma baixa produção leiteira, e uma produção ainda menor de mel (SEMANARP, 1998). Portanto, a atividade econômica se concentra no setor terciário, de serviços turísticos e comércio de artesanato, artigos esportivos, joalherias, roupas e duas lojas *duty-free* (perfumes, óculos, relógios, etc.).

Povoada originalmente pelos maias, a Ilha de Cozumel foi estratégica, em razão de suas particularidades geográficas, em vários momentos que marcaram a história da Península de Yucatán e a formação do Estado mexicano – a conquista espanhola, o processo de colonização e a guerra de resistência maia contra os espanhóis que durou de 1847 a 1901³. Do ponto de vista econômico, durante o século XX ela sofreu profundas mudanças na sua estrutura produtiva, passando de uma economia baseada na produção agrícola e comércio com as Ilhas próximas do Caribe, até os anos 1920, a uma economia totalmente dependente do turismo, sobretudo a partir dos anos 1970, com a grande expansão dessa atividade no país.

O processo de exploração e expansão da atividade turística na ilha se deve a alguns fatores de ordem econômica e política que possibilitaram e impulsionaram esse desenvolvimento. Dentre eles, destaco os acontecimentos que representaram mudanças nas atividades realizadas na ilha desde a metade do século XIX: 1) em 1848, quando um contingente de pessoas vindo do continente ocupou a ilha e iniciou um ciclo produtivo baseado na agricultura e na pesca; 2) em 1884, quando as terras da ilha foram entregues a dois empresários mexicanos para demarcação, fracionamento e colonização durante o governo de Porfírio Dias; 3) O estabelecimento de uma alfândega em Cozumel no ano de 1902, no auge da exploração do chicle; 4) a crise de 1930 e a reação da elite econômica

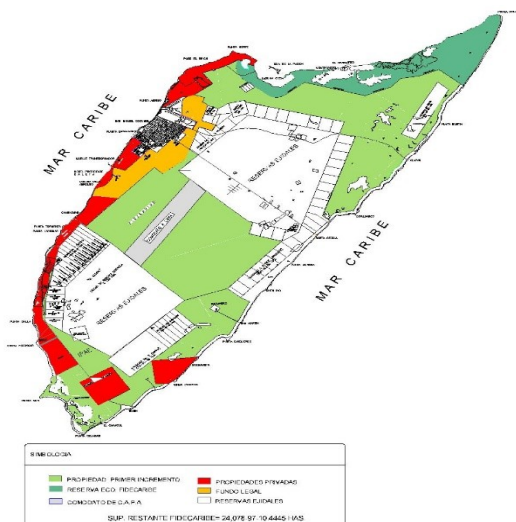
³ Sobre a guerra de castas a obra referência é Reed (1971).

emergente; 5) o novo auge do chicle no pós guerra; 6) o declínio total do chicle e o início das atividades turísticas no final de 1940; 7) a opção pelo turismo de cruzeiros nos moldes do turismo de massa, ao final de 1960 e início dos anos 1970⁴.

O aumento progressivo da participação de Cozumel na indústria do turismo gerou um elevado crescimento populacional. A ilha, que contava com menos de dez mil habitantes na década de 1950 passou a mais de setenta mil na primeira década do presente século. Como consequência, este crescimento gerou o aumento da demanda por melhorias de infraestrutura urbana e qualidade de serviços, sobretudo em áreas como educação e saúde (COZUMEL, 2011).

O núcleo populacional, São Miguel de Cozumel, situa-se na parte ocidental da ilha, onde vive 98% da população. Por um lado, concentra a administração municipal e os serviços ofertados para toda a ilha e turistas; de outro, ao ser o local de residência de quase todos os que atuam na área de turismo, é revelador de uma estrutura social própria onde se pode captar as relações de poder e compreender melhor a dinâmica turística da ilha, sobretudo a partir dos rumos que tomou a gestão destas atividades, os ganhos auferidos e os problemas que ali existem atualmente.

Figura 2 – Configuração espacial da Ilha de Cozumel (distribuição das terras)



Fonte: IPAE Cozumel.

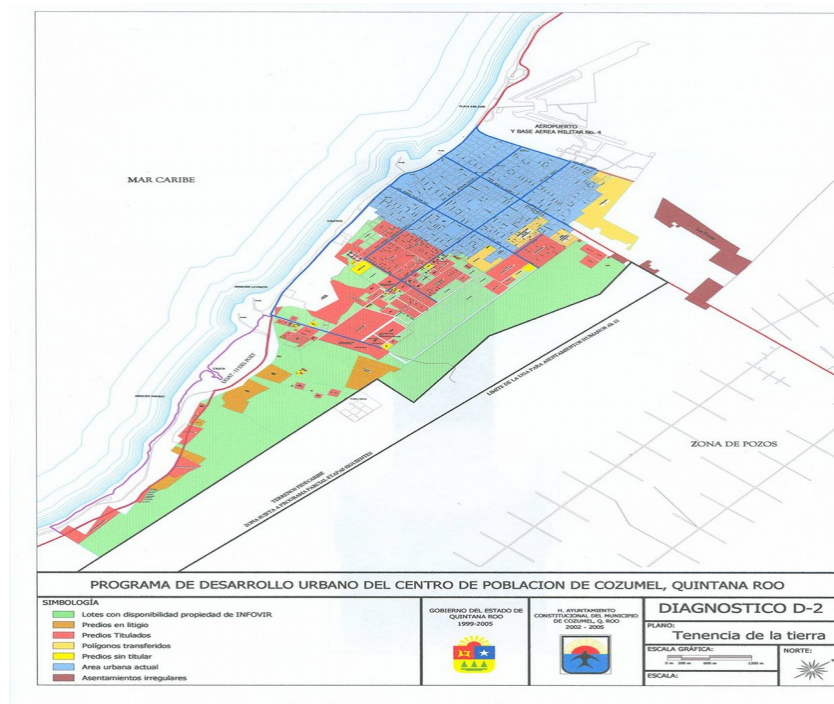
O núcleo populacional aparece como uma mancha urbana, a parte quadriculada no mapa acima, na parte ocidental da ilha. As áreas de propriedade privada, assinaladas em vermelho, situam-se a ocidente, enquanto a oriente está uma área de proteção ambiental, para desova de tartarugas marinhas, com fortes ondas que a tornam perigosa para banhos de mar.

4 Para uma apreciação mais detalhada de cada um desses períodos vide Ramos Díaz (1999) e Macías Zapata (2002).

Da parte ocidental, retirando-se o núcleo populacional e as áreas portuárias, que ocupam mais ou menos dez quilômetros dessa costa ocidental, o restante ao Sul da ilha é área de proteção ambiental, formando o Parque Marino Arrecifes de Cozumel, onde se localizam os Parques Chankanabb y Punta Sur.

A figura abaixo apresenta os limites do Fundo legal do Município, a área limítrofe para a expansão do núcleo populacional.

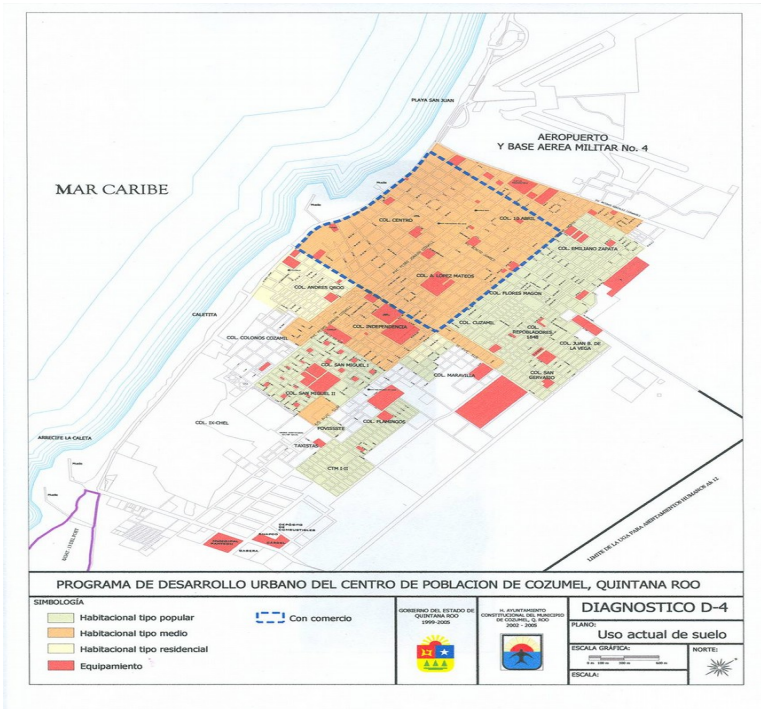
Figura 3: Fondo Legal do Município de Cozumel



Fonte: PDU Ayuntamiento de Cozumel (2005-2008, revisão 2011).

A área verde representa o limite de expansão urbana e se constitui em áreas de planejamento da criação de novos bairros (colonias). Há um perímetro reservado à captação de água potável, item de grande preocupação para a população e a administração de Cozumel, sobretudo em razão do crescimento populacional e do número de visitantes a cada chegada de cruzeiros. Mas há também uma área de assentamentos irregulares que ocupa terras da reserva *ejidal* e que se expandiu em razão de loteamento feito por um *ejidatario* (Merino Casarín, 2009). A área vermelha colada ao núcleo urbano (azul) é de expansão comercial e industrial, onde se localizam depósitos de empresas de gás natural, cervejarias e onde se formou uma área de prostituição com discotecas, motéis e bares. No mapa a área que corresponde ao núcleo urbano representa a situação em 2005, hoje já ampliada, ainda que não incluída no PDU.

Figura VI – Bairros que formam a mancha urbana de Cozumel (2005)



Fuente: PDU Cozumel (2005-2008, revisão 2011)

Ao Norte da ilha, mais além do aeroporto, a área na faixa litorânea é quase toda construída. Há hotéis e residências luxuosas, clubes de campo e golfe, edifícios residenciais e condomínios de casas e é onde vive a elite de Cozumel. Esta informação é importante porque o último mapa apresentado pode dar uma falsa impressão de que a ilha é formada apenas por setores sociais médios e populares, uma vez que esta área está fora da mancha urbana, embora na realidade não represente uma discontinuidade em relação à área mais central. Além do mais, esta apropriação de espaços costeiros reflete na atividade turística, restringindo o espaço para os turistas e outros visitantes, o que, por sua vez, limita cada vez mais o tipo de turismo ali produzido.

Do ponto de vista da organização social, existem alguns poucos grupos familiares com grande poder econômico e político na ilha, o que permite o entendimento da configuração espacial atual da ilha, com vistas à expansão do turismo. Esses grupos exercem poder em vários campos: 1) a propriedade de terrenos no núcleo urbano ou a posse nas áreas de parques naturais, sobretudo na costa litorânea, tanto fora da mancha urbana como na avenida que se situa à beira-mar, onde se encontra o píer principal e o comércio de joias e artesanatos; 2) a participação em atividades turísticas como proprietários de hotéis, lojas, clubes de praia, condomínios residenciais e mesmo companhias áreas e balsas; 3) a atuação política, com participação ativa na administração pública do município, do estado de Quintana-Roo e, na esfera federal, a ocupação de

cargos de alto escalão em ministérios (secretarias) e agências estatais⁵.

Cidades turísticas: características, particularidades e similitudes

A princípio, nas primeiras visitas de campo empreendidas, eu já me perguntava se uma cidade situada numa ilha turística portaria características específicas que a diferenciariam de outras cidades que têm esta atividade como principal motor da economia. Como fruto dessas preocupações iniciais, escrevi um artigo voltado à reflexão sobre processos de turistificação nos espaços urbanos (Rodrigues, 2015), onde comparei duas cidades do litoral cearense (Fortaleza e Jericoacoara), no Brasil, e duas cidades localizadas na Riviera Maya (Cancún e Cozumel), no México. Nele eu questionava se ao nos valermos da expressão cidades turísticas estaríamos nos referindo a um conjunto de características gerais que abarcaria a diversidade de realidades sob esta designação ou, se, ao contrário, haveria singularidades na abordagem sobre turismo em espaços urbanos que negariam elementos de homogeneidade. Procurei, ainda, mostrar que cidades turísticas concentram, ao mesmo tempo, diferentes signos que caracterizam a contemporaneidade: fluxos, diversidade cultural, produção de símbolos e simulacros, paisagens, imagens e sensibilidades.

Do ponto de vista simbólico, Roland Barthes (2001) tomou a torre Eiffel como objeto de reflexão, mostrando como aquela estrutura monstruosa de metal, tão criticada pelos artistas da época, tornou-se um símbolo da França. Diz o autor que à época os artistas chegaram a redigir um manifesto de protesto, assinado por escritores como Alexandre Dumas Filho e Guy de Maupassant, o dramaturgo François Coppée e o musicista Charles Gounod, entre outros, cuja publicação no periódico *Le Temps*, então bastante conhecido, teve grande repercussão sobre a sociedade parisiense. A verdade é que, do ponto de vista simbólico, feiura e beleza são bastante relativos. Observa Barthes que a torre é vista de praticamente todos os pontos que compõem a região central da cidade de Paris e à parte as considerações estéticas ela foi “incorporada à vida cotidiana a tal ponto que já não podemos inventar para ela nenhum atributo particular”, pois ela “empenha-se simplesmente em persistir, como a pedra ou o rio e é literal como um fenômeno natural...” (BARTHES, 2001, p.57, tradução livre). Mais que isto, lembra o autor que, como imagem, ela ultrapassou as fronteiras nacionais e representa Paris em qualquer lugar do mundo. Neste sentido, com a expansão do turismo, cidades turísticas competem no plano simbólico, buscando criar referenciais que as particularizem,

⁵ Para uma melhor apreciação sobre a configuração e atuação dessa elite econômica na ilha vide Rodrigues (2014).

notadamente quando estes não se firmam naturalmente. Na verdade, a busca desenfreada por criar produtos turísticos tem feito muitas vezes o contrário, a descaracterização de símbolos já firmados localmente. Já MacCannell (1976) e outros intelectuais da área das ciências humanas olham o fenômeno particularmente por sua representatividade no plano material e afirmam que a dinâmica de expansão do capitalismo se dá de forma articulada às modernas formas de viagem e lazer de massa, sobretudo às viagens e turismo internacionais (Veja também Krippendorf, 2009 e Urry, 2001).

Como é particular a toda experiência turística, de alguma forma estas cidades também permitem ao turista entrar em contato com a dimensão do sagrado, faça-se ele presente na contemplação da natureza, no assombro causado pelo espetáculo da arquitetura presente ou pretérita, ou mesmo na possibilidade de uma interiorização profunda. E para esta abordagem é central a noção de experiência, como desenvolvida na antropologia por Turner (1986) em sua dimensão estética (que ele elabora a partir de Dewey e de suas próprias elaborações teóricas anteriores sobre ritual), bem como na referência à experiência ativa dos sujeitos, em sua dimensão formativa e transformadora (sustentado aqui pela elaboração conceitual de Dilthey).

A título de exemplo e para compreensão da minha referência à experiência turística, descrevo duas situações. A primeira, um acontecimento que se dá todos os anos no estado mexicano de Michoacán, quando milhares de turistas, de todo o mundo, dirigem-se à Reserva de la Biosfera Mariposa Monarca, também conhecida como “Santuário de La Monarca”, para ver a chegada de milhares e milhares de borboletas monarca que migram dos Estados Unidos para esta região do México no mês de novembro de cada ano, bem como para participar do momento da revoada, no mês de março, quando as borboletas que ali nasceram e irão fazer seu primeiro percurso migratório, em direção aos Estados Unidos, um trajeto que pode chegar a quatro mil e quinhentos quilômetros. O segundo, diz respeito ao acontecimento que se dá todos os anos, na área verde defronte à pirâmide de Chichen-Itzá, no estado de Yucatán, quando milhares de turistas ali se agrupam para ver a “descida da serpente” Kukulkán, um dos deuses da cosmologia maia que toma a forma de serpente. Apenas em dois períodos do ano ocorre o fenômeno, março e setembro, no equinócio de primavera e de outono, respectivamente, quando a posição do sol em relação à pirâmide cria um jogo de luz e sombra, uma ilusão óptica pela qual se tem a impressão que a serpente Kukulkán se movimentava pelas escadas da pirâmide, vinda do alto. Isto porque na base da pirâmide, nas laterais da escadaria, há uma cabeça de serpente esculpida e o corpo forma-se com

a sombra do sol sobre a parede lateral. Há dia e horário específico para estar ali e apreciar o fenômeno, um processo que dura cerca de quarenta e cinco minutos, pois a sombra vai se formando aos poucos e só se vê a serpente inteira por alguns minutos, às 16:30 horas (horário de Yucatán), quando o sol começa a se por. É exatamente essa possibilidade de aprisionar a imagem no tempo, naquele único instante do ano, que leva milhares de pessoas a viver esta experiência. Alguns relatos publicados na internet ⁶, que nos termos de Turner corresponderiam à “experiência narrada”, dizem sobre o efeito coletivo do acontecimento e sobre as sensações de forte emoção de que os participantes se viram tomados naquele momento; também diz sobre o encantamento e mesmo a reverência frente ao ocorrido. Ter estado lá, vivido esta experiência única, reveste os presentes de uma aura especial tão forte como viver e sentir a magnitude do sagrado. Além do mais, suas presenças são parte ativa do próprio acontecimento, criam o evento e, em contrapartida, nele todos podem experimentar sensações e viver processos de transformação interior.

Cidades turísticas têm, ainda, em comum, a necessidade constante de criar produtos para ofertar ao visitante, que atraiam seu interesse e suscitem os desejos de ali estar, ver e viver experiências novas, distantes de tudo o que forma parte do seu cotidiano. Nesta linha de raciocínio, Meethan (2001) argumenta que o turismo é parte de um processo de mercantilização e consumo inerente ao capitalismo contemporâneo, como “processo global de mercantilização e consumo que envolve fluxos de pessoas, capital, imagens e culturas”⁷ (MEETHAN, 2001, p. 04).

Para os efeitos deste artigo, saliento que a criação de produtos turísticos aciona uma variada gama de elementos contextuais, históricos ou não, que fazem já parte do imaginário local ou que, retirados do esquecimento, são a ele acrescentados, e esses produtos, em si mesmos, nesse processo de construção e depois de participação no circuito turístico, ou seja, na forma como passam a fazer parte da experiência turística, dizem e fazem coisas, no sentido austiniano, de forma muito veemente, sobre disputas locais. Ou seja, tensões existentes no plano econômico, político, social e cultural, tendem a se expressar simbolicamente por meio desses produtos turísticos e produzir efeitos no desenvolvimento dos negócios turísticos.

6 Veja, por exemplo, o site: <http://www.diariodelviajero.com/america/chichen-itza-el-dia-de-equinoccio-y-el-descenso-de-la-serpiente-emplumada>. Consultado em 06/09/2015.

7 Tradução livre. A respeito de fluxos e transnacionalidade, vide, também, Hannerz (1998).

A vida cotidiana na ilha turística de Cozumel: Espaço, tempo e disputas simbólicas

Ao considerar que espaço e tempo são dimensões articuladas e que as tentativas de conhecer tanto a dinâmica social em espaços específicos como a simbolização dessa dinâmica em objetos, coisas, imagens e suas formas narrativas, demandam uma visada processual, confiro um lugar especial à temporalidade na presente interpretação da simbologia expressa nos produtos turísticos ofertados aos visitantes em Cozumel. Estou segura de que as diferenças sociais, as relações de poder e o controle da economia turística na ilha, não podem ser compreendidos sem levar em conta esta estreita relação entre espaço, tempo e coisas. Dessa perspectiva, não se trata apenas da compreensão da relação entre espaço e tempo na visão que orienta o pensamento de Harvey (1989) pela qual o olhar se detém sobre a “espacialização do tempo” a partir da observação dos processos sociais em seu movimento de mudanças, de aceleração e de intensificação da produtividade, a qual é muito distinta, por exemplo, da concepção bergsoniana de tempo, onde “espacialização do tempo” é uma abstração distinta do real.

Inspirada nas abordagens clássicas de Evans-Pritchard (1978) e Leach (1974) entendo as noções de tempo e espaço como categorias por meio das quais se pode compreender como as pessoas organizam sua vida social, expressando, na interconexão espaço-temporal, a qualidade das relações sociais, a natureza e dinamismo das práticas políticas. Mas não só isto. Compreendo, ainda, que é possível tomar o mesmo raciocínio que orienta a abordagem de Augé (2008) sobre o fascínio dos turistas pelas ruínas e o que elas articulam no jogo entre história, memória e imaginação para compreender a importância da temporalidade em Cozumel, como forma de acesso à dimensão simbólica. As ruínas são vistas pelo autor como restos de edificações que permitem atingir a experiência da temporalidade, pelo olhar. Augé afirma que ao contemplar uma ruína, o turista não faz apenas uma viagem na história, mas vive a experiência do tempo puro, aquele que não remete mais à história ou às múltiplas funcionalidades da coisa observada, mas diz respeito à sensação de tempo que pulsa dentro do próprio indivíduo. Da mesma forma, considero que as coisas outras que formam o acervo turístico de uma localidade, além de possíveis ruínas, como os monumentos, as esculturas publicamente expostas, a natureza tornada objeto de contemplação, as imagens veiculadas nos guias e folhetos turísticos, as festas populares que adquirem aspecto massivo quando entram no referido circuito, como mercadoria turística, tudo isto produz uma interconexão que sobrepõe diferentes temporalidades e espacialidades. Ainda mais quando se trata de uma ilha e, especialmente, quando esta ilha é turística e voltada ao turismo de cruzeiros, como

veremos mais adiante. Penso, também, que a sobreposição de coisas e temporalidades, como ocorre em muitos dos constructos para o turismo, também ao mesmo tempo em que expõe, anula ou subverte a história, já que o turista exposto àquele turbilhão de imagens e referenciais temporais apenas vive em si a experiência presente, a da confrontação com a duração e as informações na forma que lhe são apresentadas, ou seja, em suas interpretações particulares.

Primeiramente, observo que para uma ilha como Cozumel, a vida cotidiana segue os ritmos dos cruzeiros: as atividades produtivas e a vida local; o trabalho e o ócio. A hora de abrir e fechar as lojas, restaurantes, clubes de praia, segue o horário da chegada e partida dos cruzeiros. O ritmo do trabalho é guiado pelo tempo das embarcações e se propaga por todo o núcleo urbano, percebido pela maior ou menor intensidade dos táxis, desde muito cedo girando rápido pelas ruas, quando é dia de chegada de cruzeiros; pelo som das portas das lojas, pela música que vibra de dentro dos centros comerciais, bares e restaurantes; pelos movimentos das pequenas embarcações nas *caletas* e embarcadouros, preparando-se para levar turistas a mergulhar e *snorkear*; pela pressa e a ansiedade que se percebe no movimento dos empregados das agências de viagens e guias turísticos, instalados em cabines diante do embarcadouro central, nas esquinas da avenida a beira-mar, próximas a praça e a estação de balsas, local em que desembarca a maioria dos turistas que vêm do continente. É uma competição generalizada e intensa pela venda de pacotes turísticos uma vez que a maioria dos turistas dos cruzeiros compra seus passeios dentro dos barcos, por meio das empresas de viagem que têm parceria com as empresas marítimas, de modo que para os pequenos restam poucas oportunidades.

Quanto aos turistas, todos também se preocupam com o tempo e com as possibilidades de preenchê-lo na curta estadia na ilha: O que fazer das nove da manhã até às quatro da tarde? Um giro pela ilha visitando os pontos mais atrativos? Uma visita ao Sítio Arqueológico e em seguida compras no centro urbano? Um passeio de lancha até Tulum? Um dia de repouso em um dos muitos Clubes de Praia? Fazer compras e passear na área central? Mergulhar por algumas horas? A escolha, evidentemente, também articula espaço e tempo.

Para os trabalhadores, esse mesmo tempo significa a luta pelo ganho diário, muitas vezes constituído apenas por gorjetas, como no caso de grande parte dos Clubes de Praia. A luta dos operadores turísticos das agências por comissões, facilmente compartilhadas com seus parceiros em atividades conectadas; dos comerciantes e empregados postados na parte externa das lojas, apregoando a qualidade de suas

mercadorias; alguns mesmo buscam os clientes nas ruas e os levam quase que à força para as lojas e restaurantes. É exíguo o tempo para ganhar o dia, garantir a sobrevivência e, quem sabe, amealhar um excedente que lhes permita progredir nas atividades e na qualidade de vida.

A ilha também está sujeita ao tempo das balsas, o que afeta a sensibilidade dos habitantes quanto a viver em uma ilha. Houve momentos de conversa com moradores com os quais construí maior proximidade, como a família e amigos de uma antiga moradora, filha de um dos pioneiros na ilha, os chamados repovoadores, que mostravam o quanto eles eram tomados por uma ansiedade, quase um sufoco, uma falta de ar, quando se davam conta de algo muito específico da vida cotidiana de Cozumel: o fato de que desde as dez horas da noite até as oito horas da manhã do dia seguinte permanecem ali, todos, completamente isolados de tudo. Quando as últimas balsas deixam a ilha, é claro, isto pode causar uma sensação de insegurança e apreensão, como me foi relatado, mas o importante é o que isto indica sobre a relação entre espaço e poder, tanto o controle do espaço terrestre como marinho.

Às distintas configurações que o turismo adquiriu em Cozumel ao longo do tempo correspondem distintas formas de controle, poder e percepção espaço-temporal, assim como de orientação da vida cotidiana em acordo com o ciclo diário fixado pelos limites espaço temporais colocados pelas balsas e pelos cruzeiros.

Relatos históricos, imaginário local e a criação de produtos turísticos

Nos países do Caribe e do hemisfério Sul, o maior atrativo turístico, ou pelo menos o ponto mais exaltado pelas agências internacionais e pela Organização Mundial do Turismo (OMT) quando incentivam os países a optar pela atividade como estratégia de desenvolvimento econômico e social, são as belezas naturais, ou seja, um patrimônio já existente e para o qual, segundo essas avaliações, não são demandados grandes investimentos. Outros dois pilares na criação das cidades turísticas são a história e a cultura local, de onde são retirados os elementos que inspiram a criação de produtos turísticos: objetos, excursões, parques, espetáculos, eventos de diferentes naturezas etc. No que concerne à história, o passado se materializa como patrimônio material – ruínas, edificações, monumentos, museus – e os acontecimentos pretéritos são a matéria prima, no plano das ideias, que se concretizam em objetos, na produção artística e artesanal, ou, ainda, nas apresentações de danças e músicas que compõem o folclore local e regional, no reforço às tradições religiosas, enfim, tudo aquilo que constitui os referenciais

identitários e o imaginário local⁸ e que, de forma um tanto generalizada, é colocado indistintamente sobre o rótulo de “cultura”. Temos, assim, esses três grandes eixos – natureza, cultura e história – como orientadores das ações de expansão do mercado turístico e é a partir deles que procurarei expor aqui, como esses elementos são manipulados, articulados e apresentados ao turista.

Em Cozumel, como já dito, a natureza é o principal atrativo turístico, sobretudo o Parque Marinho que abriga seus recifes de coral. Os aficionados da prática de mergulho encontrarão na ilha, além da beleza natural, toda uma infraestrutura para atendê-los: escolas de mergulho, com treinadores capacitados no ensino e na realização de incursões às profundezas do oceano, tanto de dia como à noite; lojas de equipamentos para mergulho, desde o snorkel até o mergulho a altas profundidades e agências que promovem as excursões marítimas. Em razão disto, a ilha toda é perpassada por este tema: o mar e as maravilhas naturais de Cozumel. Os elementos que compõem os recifes de corais desde as formações calcáreas bem como sua flora e fauna, como as colônias de corais, estrelas do mar, peixes, caranguejos, arraias, anêmonas, tartarugas marinhas, polvos, etc., figuram em fotos nos guias turísticos, nas decorações dos hotéis, pousadas, lojas, agências de viagem, bares e restaurantes e são temas preponderantes das inúmeras lembranças disponíveis nas lojas de artesanato.

Como já afirmei, as cidades turísticas estão sempre buscando incrementar sua oferta de atrativos. Para tanto, buscam principalmente na história local os elementos que possibilitem a criação de novos locais de visitação, motivos inéditos para diversificar seu marketing, inspiração renovada para a arte local, etc. E quanto a este ponto, os acontecimentos que marcam a história de Cozumel forneceram ricos ingredientes para criar novos atrativos turísticos ou agregar elementos aos já existentes.

Ainda que seja difícil precisar, de uma perspectiva histórica, a presença humana na Península de Yucatán, e, por extensão, na ilha de Cozumel, os dados mais seguros existentes, apontados por historiadores, dizem respeito ao período entre 300 a 900 d.C. que corresponderia ao auge da civilização maia, quando se construíram as pirâmides hoje conhecidas e visitadas diariamente pelos turistas, como Tulum, situada na atual Riviera Maya, na porção continental defronte à ilha de Cozumel. O declínio dessas cidades maias ocorreu após esse período, já quase entrando no século I de nossa era. De acordo com Antochiw e César (1991), até a chegada dos espanhóis tanto a ilha como a porção do Continente, na Península de Yucatán, foram sempre ocupadas, destacando os dados

8 Estou tomando o imaginário como composto de imagens que se organizam no tempo e no espaço, que compõem uma história (Durand, 1988).

arqueológicos conhecidos até o momento indicam elementos da ocupação pelos Itzaes e posteriormente pelos maias até o período colonial. Os achados arqueológicos indicam, ainda, como principais locais que constituíram os primeiros povoados, San Miguel, que ficava entre a área onde se situa hoje o núcleo urbano e o aeroporto e San Gervásio, que tinha função administrativa, comercial e religiosa e cujas ruínas, hoje, são objeto de visita turística. Afirmam os autores que já a essa época a ilha figurava na rota de comércio indígena a grande distância que se dava na área.

Cozumel foi a primeira localidade do México em que chegou Hernan Cortés, vindo de Cuba (Diego de Landa, 2010) e teria a ilha entre dois mil a três mil habitantes, segundo os relatos de viajantes (Antochiw; César, 1991). Conta Diego de Landa que tão logo os espanhóis chegaram à ilha, num dia 03 de maio, dia em que no calendário cristão se comemora o dia da Santa Cruz, saquearam a povoação que encontraram na ilha e ali se postaram até localizarem o líder local, após o quê o receberam e a seus familiares, devolvendo-lhes as coisas que lhes haviam tomado e exortando-os a abandonarem seus ídolos e adorarem a cruz cristã. Desde então Cozumel tornou-se ponto de passagem dos navios espanhóis e ao longo do tempo a população maia habitante da ilha foi se reduzindo em razão de mortes por doença e de conflitos com os espanhóis. Os ídolos indígenas foram destruídos e a religião católica imposta. Com um maior conhecimento da geografia da região, no entanto, a ilha aos poucos deixou de ser lugar de interesse dos espanhóis, como toda a Península de Yucatán, onde não havia as riquezas em ouro e prata buscadas pelos conquistadores (Antochiw; César, 1991).

Não encontrando riquezas na ilha, os espanhóis a deixaram praticamente abandonada, e em cinco décadas a população se reduziu a cerca de mil habitantes (Atochiw y César, 1991) a metade do calculado pelos primeiros viajantes que ali aportaram. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII toda a região da península de Yucatán foi alvo de ataques de piratas e os dados históricos apontam a chegada tanto de naves francesas como inglesas a Cozumel, tendo sido ocupada, já no século XIX, pelo pirata Molas que ali permaneceu por vários anos, tendo construído cabanas e exercido a agricultura para seu sustento e dos familiares, até que abandonou a ilha, sendo sua permanência ali por longo período uma das explicações do abandono da ilha pelos antigos habitantes (Idem). Esta seria repovoada apenas em 1848, durante a guerra maia e a fuga de descendentes de espanhóis, mestizos e indígenas não revoltosos do então território de Quintana-Roo para a ilha.

Na Cozumel contemporânea todos estes períodos são retomados como temas cotidianos oferecidos ao turista. Tão logo este desembarca dos navios, no terminal mais

próximo à região central, se depara primeiramente com uma joalheria, com muita prata e pedrarias expostas, em seguida, já nos corredores do pequeno shopping, encontra um homem vestido de pirata, fazendo-se de estátua e que movimenta sua barba longa repentinamente, à medida que os turistas passantes se assustam e dão gritos; alguns dão gorjetas para tirar algumas fotos junto com o pirata ou com um rapaz paramentado de indígena, trajando uma pequena saia verde adornada em dourado, penacho na cabeça, também em verde e dourado, mas que, como ele me disse, se tratava de uma indumentária asteca e não maia, já que esta última, dos habitantes da região, não é chamativa aos olhos do turista. Nas lojas as vendedoras se vestem com trajes indígenas e mestiços, típicos daquela e de outras regiões do México. Também as lojas de artesanato vendem objetos trazidos de todo o México, já que o trajeto do navio pelo Caribe tem só esta parada em solo mexicano. E como Cuba é próxima, mas não faz parte da rota dos navios, também há lojas especializadas em produtos cubanos, como charutos e bebidas.

Em um simples caminhar pela cidade observa-se a presença dos temas da conquista, bem como da exaltação da mestiçagem. A avenida a beira-mar é ladeada, na parte que dá para o mar, por uma balaustrada de alvenaria que contorna todo o trecho correspondente ao núcleo residencial. Ao longo deste trecho são postadas esculturas inspiradas nesses acontecimentos e ideias. No ponto equidistante entre o início e o fim da zona residencial praiana, há uma pequena área construída em avance em relação ao mar, semelhante ao espaço de um mirante, e ali há uma fonte, grandes colunas que dão ao local a reverência de um monumento, com inscrições maias cravadas nas colunas e ao centro quatro estátuas representando uma família. O homem, em pé, leva um penacho ao alto da cabeça, ao estilo maia, na mão esquerda segura uma lança e com a mão direita afaga a cabeça de um menino que lhe segura as pernas e nela pousa a cabeça. Atrás deles, olhando para o interior da ilha, estão uma mulher indígena e outra criança, uma menina, do mesmo tamanho do pequeno que se agarra às pernas do pai. O homem mira o horizonte, o mar, mas seus traços não são indígenas. Aproximando-se um pouco mais é possível ver a placa com os dizeres sobre a cena. Na verdade, trata-se da primeira família mestiça daquelas paragens que a história registrou: o espanhol Gonzalo Guerrero, que aprisionado pelos maias terminou por casar-se com uma princesa indígena, teve filhos e uniu-se aos indígenas na guerra contra os espanhóis. O importante, no entanto, é que num episódio que diz respeito ao confronto entre conquistadores e nativos, o monumento faz a exaltação à mestiçagem, referindo-se preponderantemente aos espanhóis a placa indicativa. Esta chama a atenção para a data da chegada de Grijalva, comandante do

navio com o qual chegou Guerrero à ilha e, junto com ele, os primeiros espanhóis que pisaram Cozumel e aquela parte da península de Yucatán.

Um pouco mais acima de quem sai da área central e caminha em direção ao Norte da ilha, vê-se, na altura do canteiro central, uma pequena praça com uma pirâmide em miniatura. No topo da pirâmide estão um sacerdote cristão e um soldado espanhol de armas em punho; na base da pirâmide, ao solo, estão alguns indígenas, postados ao solo em sinal de reverência, levando às mãos cestos com variadas frutas que oferecem aos espanhóis. Novamente a disposição espacial dos personagens cria hierarquias: quem está no topo e quem na base da pirâmide, ou seja, onde está o poder e onde a submissão e não deixa, portanto, de ser uma apologia da conquista.

Uma visita ao Museu da Ilha, também um ponto turístico muito visitado, nos traz outras informações. O museu fica situada na avenida à beira-mar, no edifício de dois andares onde funcionou há algumas décadas o primeiro hotel da ilha: hotel Playa. Há um pequeno hall, ao fundo as escadas que se abrem no formato de um y e pela qual se chega ao segundo andar. No hall, à direita está a primeira sala, que traz, em primeiro plano, uma grande maquete da ilha, mostrando a parte submersa e os principais pontos de visitação, acessíveis por meio de um quadro interativo colocado à frente da maquete. Há mapas da região do Caribe mexicano, e na parte interior, após a parede que ladeia a maquete, há uma reconstrução de selva mediana que caracteriza a vegetação de Cozumel: mangues, lagoas, aves e animais aquáticos e terrestres. À esquerda do hall de entrada fica a sala II com reconstituição dos ambientes dos recifes de corais. Ou seja, no primeiro andar temos a natureza. Ainda neste andar, mas ao fundo, após a escadaria, há uma loja de artesanatos e um pequeno corredor leva a uma área aberta onde foi reconstruída uma casa em estilo maia. Há uma grande canoa na parte exterior, no jardim há plantas da região e algumas reproduções de ídolos maias. O interior da casa traz as mobílias, peças de cozinha e enfeites que correspondem ao modo de vida das populações mestiças da planície de Yucatán. Ou seja, tanto os descendentes maias são colocados no mesmo plano que a natureza como a referência continua sendo o período pós-conquista. É uma diferença muito grande quando comparamos esses elementos indígenas mostrados no Museu da ilha de Cozumel com a forma como eles são mostrados no Museu de Antropologia da Cidade do México. Lá o enfoque principal é ao modo de vida indígena pré-hispânico e tudo que se refere ao período posterior fica alocado sempre no andar de cima, não na ala principal. Já na parte superior a Sala III é dedicada a história e arqueologia e nela há ídolos de pedra e outras com inscrições; canoas indígenas, mais mapas do período pré-hispânico com as rotas comerciais

traçadas, miniaturas de caravelas, armas espanholas, um quadro retratando a chegada de Cortés a Cozumel e a destruição aos ídolos que representavam os deuses maias; outro quadro representando Gonzalo Guerrero em primeiro plano e uma índia maia e seus dois filhos, ocultos na selva. Há também canhões e casquetes espanhóis, quadro com a casa de um dos espanhóis que chefiou as tropas espanholas à época da guerra maia, ou seja, nova exaltação à conquista. Há também objetos espanhóis de uso doméstico, cartas, instrumentos náuticos e mapas com rotas de navegação e artefatos resgatados do naufrágio de um navio. Há uma parte dedicada ao período da pirataria, com réplicas de navios piratas e fotos de alguns piratas famosos, como Drake e Latiffe. Por fim na sala IV, que logo à entrada traz um quadro explicativo sobre a Guerra de Castas onde o episódio é traduzido como: opressão dos maias e reação dos espanhóis, o que retira todo o conteúdo crítico dos atos da conquista, invertendo as posições entre opressores e insurgentes. Há um painel sobre a atividade turística na ilha, em homenagem a alguns personagens locais que ali são louvados pela “bravura” e “valor”. Este clima de heroísmo realmente é o que povoa a Cozumel dos repovoadores, dos espanhóis fugidos da Guerra de Castas. É o ápice da visita ao Museu, com uma profusão de fotos e objetos que dizem sobre a valentia dessas famílias que ali se alojaram. Ocupando toda uma parede há a reconstrução de uma casa nos moldes que se imagina existiram à época. Há referências aos diferentes ciclos econômicos vividos pela ilha, o tempo áureo do Chicle, os navios, a época da construção da alfândega, a chegada de personagens de relevância nacional e internacional com o início do desenvolvimento do turismo, nos anos 1930, tão logo a ilha passou a fazer parte dos roteiros turísticos de personagens famosas na política e no cinema mundial. Fotos com o rei da Suécia, com a rainha Elizabeth II, com políticos mexicanos, inclusive o presidente Lázaro Cárdenas, desfiles cívicos, aviões da base aérea, do famoso carnaval de Cozumel, etc. ou seja, de todos aqueles que erigiram a Cozumel do presente, ressalte-se que brancos e componentes da elite econômica e política local.

Como referencial identitário há ainda a celebração anual de uma grande festa, chamada *Fiesta de la Santa Cruz de Sabán*, após uma semana de novenas. O evento é promovido pelos descendentes de Casimiro Cárdenas, um mestiço que em 1848 fugiu do continente para a ilha, após ter sobrevivido a um ataque dos maias no vilarejo chamado Sabán. Diz a narrativa local que Casimiro conseguiu salvar-se em razão da cruz que trazia nos braços em toda a contenda e travessia do perigoso canal que liga o continente a Cozumel. Chegando à ilha prometeu que todos os anos, ele e seus descendentes realizariam uma novena em honra à Santa Cruz. A festa foi crescendo em importância ao

longo do tempo e após a construção de uma estrada de acesso à área agrícola onde a princípio residiam as populações indígenas e mestiças, tornou-se um evento de grandes proporções e foi incorporado ao calendário festivo e turístico da ilha. Hoje, o evento se inicia com uma corrida de canoas, estas conduzidas por homens vestidos como indígenas maias que, ao simularem a travessia, buscam reproduzir a epopeia vivida por Casimiro. No mais tudo virou festa. São três dias de corridas de touro, concertos musicais e danças yucatecas, muita comida e bebida, além de shows com artistas de projeção nacional. E mais uma vez a história fornece os ingredientes a partir dos quais é forjada a mescla do passado indígena e da conquista, bem como a exaltação da bravura dos repovoadores da ilha.

Algo muito presente em diferentes locais da ilha são, ainda, os referenciais aos desastres naturais que podem atingir a ilha. Em vários estabelecimentos locais há fotos do último grande furacão que assolou a ilha, o Wilma. Isto ocorreu em 2005, quando Cozumel ficou incomunicável por quatro dias e foi parcialmente destruída. Em contrapartida, foi reconstruída em tempo recorde, graças aos esforços governamentais e o empenho da população, como relatam os entrevistados, comerciantes, moradores novos e antigos. Os furacões são marcadores temporais, pois quase todos os moradores quando vão se referir a um período de suas vidas localizavam-no na referência aos furacões, por meio de seus nomes: “antes, ou depois do Isidoro, à época do Gilberto...”, “no ano em que fomos pegos pelo Wilma”, etc. E para se referir a estes fenômenos valem-se de várias metáforas, como se o furacão fosse um ser vivo, um animal raivoso. Dizem os repórteres: “o animal caminha em direção a Cozumel a tantos quilômetros por hora...”; “sua cauda fez isto e aquilo...”, “O olho do furacão castigou Cozumel por tantos dias”, “o monstro caminha por sobre a ilha e castiga Cozumel...”. Muitos moradores, quando relatavam os episódios, seus olhos marejavam quando da lembrança do ocorrido, mostrando, ainda, um profundo respeito a essas forças da natureza. E os desastres também passam a fazer parte do cenário que se oferece ao turista. Fotos do furacão são expostas no museu, lojas e restaurantes, compondo o clima de aventura e bravura que compõe o imaginário local, porque ele também é algo que todos têm que enfrentar como uma batalha.

Considerações finais

Em Rodrigues (2015) destaquei elementos que pudessem contribuir para uma tipificação das cidades turísticas. Após uma comparação entre cidades de portes e países diferentes (Brasil e México) concluí que a economia local é um importante diferenciador para essas cidades. Isto porque cidades que têm uma economia diversificada enfrentam

menos riscos que aquelas preponderantemente orientadas pelo turismo, sujeitas a maiores perturbações em sua dinâmica interna em razão de crises econômicas e políticas, epidemias, surtos de violência, catástrofes ambientais, enfim, tudo que possa atingir diretamente o turismo. Mas independente do porte da cidade, os problemas urbanos encontrados são iguais: superpopulação em épocas de alta temporada, deficiência no atendimento da infraestrutura básica e transportes, além do aumento da violência, drogas e prostituição.

A presente abordagem, específica sobre Cozumel, mostra algumas peculiaridades quanto à percepção da temporalidade pelos locais e a forma como este elemento atua no controle social na ilha; por outro lado, há elementos comuns como a mercantilização de componentes históricos, naturais e culturais.

Como ponto instigante às discussões teóricas, o fato de ser uma ilha em relativo isolamento físico, não nos leva a uma visão homogênea fruto de uma sedução pela totalidade. Ao contrário, Cozumel pode ser vista como um espaço transnacional, heterogêneo e mutável. O fluxo constante de pessoas e coisas de diferentes países, e não apenas turistas, mas também um contingente de moradores “flutuantes” ou aposentados estrangeiros que ali resolvem fixar sua segunda residência, dão-lhe um dinamismo próprio. Desta forma, por um lado a ilha tem os ares de um enclave turístico em pleno mar do Caribe, por outro, ela pode ser vista como um polo receptor e irradiador de intensos fluxos.

Referências:

AUGÉ, Marc (2008). *El tiempo em ruínas*. Barcelona: Editorial Gedisa.

ANTOCHIW, Michel (1998). *Cozumel, padrones y poblamiento*. Cozumel, Mx: Fundación de Parques y Museos de Cozumel, 89 p.

ANTOCHIW, Michel y CÉSAR DACHARY, Alfredo (1991). *Historia de Cozumel*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 413 p.

COZUMEL (2011). *Propuesta de Desarrollo Urbano 2011-2011*. Cozumel – Ayuntamiento.

BARTHES, Roland (2001). *La torre Eiffel*. Barcelona: Ediciones Paidós.

BRUNER, Edward M (1986). Experience and Its Expressions. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward, (Eds), *The Anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press.

CÉSAR DACHARY, Alfredo y ARNAIZ B., Stella M. *Cozumel* (1998). *Los años de espera*. Cozumel, Mx: Fundación de Parques y Museos de Cozumel, 159 p.

DURAND, Gilbert (1988). *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Evans (1978). *Os Nuer*. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Editora Perspectiva.

HANNERZ, Ulf (1998). *Conexiones transnacionales: cultura, gente, lugares*. Madrid: Ediciones Cátedra.

HARVEY, David (1993). *A condição pos-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

INEGI - Instituto Nacional de Estadística y Geografía (2010). *Censo de Población y Vivienda*.

KRIPPENDORF, Jost (2009). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo, Aleph.

LANDA, Fray Diego de (2010). *Relación de las cosas de Yucatán*. Mérida: Editorial Dante.

LEACH, E.R (1974). *Repensando a antropologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

MACCANNELL, Dean (1976). *The tourist: a new theory of the leisure class*. Nova York: Shocken Books.

MACÍAS ZAPATA, Gabriel Aarón (2002). *La península fracturada. Conformación marítima, social y forestal del Territorio Federal de Quintana-Roo. 1884-1902*. México, DF: CIESAS/ Miguel Ángel Porrúa, 334 p.

MERINO CASARÍN, José Gonzalo (2009). *Políticas públicas de vivienda y asentamientos irregulares en Quintana Roo*. Caso “Las Fincas” en Cozumel (2008), Tesis de Maestría en Economía y Administración Pública, Universidad de Quintana Roo, Cozumel, México.

MEETHAN, Kevin (2001). *Tourism in global society: place, culture, consumption*, New York: Palgrave.

RAMOS DÍAZ, Martín (1999). *Cozumel vida porteña, 1920*. México, DF: Universidad de Quintana-Roo/ Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología / H. Ayuntamiento de Cozumel/ Fundación de Parques y Museos de Cozumel, pág. 130.

REED, Nelson (1971). *La guerra de castas de Yucatán*. México: Ediciones Era.

RODRIGUES, Lea Carvalho (2014). Elites empresariais e a configuração de espaços turísticos na ilha de Cozumel, México, *Ideias*, Campinas, SP, nº9, nova série, 2º semestre. _____ (2015) Turismo em espaços urbanos: processos de turistificação no Nordeste brasileiro e no Caribe Mexicano. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, Vol. 5, Número Especial, p. 81-104.

SÁNCHEZ CRISPIN, Álvaro y PROPIN FREJOMIL, Enrique (2003). Dependencias regionales del turismo en la Isla de Cozumel, México, *Cuadernos de Turismo*, 11; págs. 169-180.

SEMANARP – Secretaria de Medio Ambiente, Recursos Naturales y Pesca (1998). *Programa de manejo Parque Marino Nacional Arrecifes de Cozumel. México.*

TURNER, Victor (1986). Dewey, Dilthey, and Drama: Na Essay in the Anthropology of Experience. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward, (Eds), *The Anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press.

URRY, John (2001). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC.